

“Batismo de Sangue” de Frei Betto: Do hipotexto literário ao hipertexto cinematográfico e a reconstrução de um discurso religioso sobre a ditadura civil- militar brasileira

*“Baptism of Blood” by Frei Betto:
From the literary hypotext to the cinematographic hypertext
and the reconstruction of a religious discourse on the
brazilian civil-military dictatorship*

Daniel Correia de Oliveira¹

Resumo: O objetivo deste artigo é expressar uma reflexão acerca da relação existente entre cinema, História e uma releitura do discurso construído sobre a atuação de parte da Igreja Católica, durante a Ditadura Civil-Militar brasileira, bem como proporcionar uma intertextualidade em sala de aula como difusor de uma outra possibilidade para a apresentação dos fatos, elucidando aspectos a respeito de como se deve usar a cinematografia na classe em prol do ensino, tendo o educador o propósito de despertar em seus alunos o senso crítico e analítico, buscando resgatar a memória histórica e sua importância para o entendimento do processo histórico, dispondo de base a obra “Batismo de Sangue”, de Frei Betto, e o seu contexto para a Ditadura vivida no Brasil na segunda metade do século

Artigo recebido em: 28 fev. 2018

Aprovado em: 18 ago. 2018

¹ Bacharelado e licenciado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Mestrando no Programa de Mestrado Profissional da Faculdade Unida de Vitória (FUV)

XX, aplicado na produção do cineasta Helvécio Ratton no filme “Batismo de Sangue” de 2006.

Palavras-chave: Cinema e História, Frei Betto, Helvécio Ratton

Abstract: The purpose of this article is to express a reflection about the relationship between cinema, history and a re-reading of the discourse built on the action of the Catholic Church during the Brazilian Civil-Military Dictatorship, as well as providing an intertextuality in the classroom as a diffuser of another possibility for presenting the facts, elucidating aspects as to how cinematography should be used in class for the sake of teaching, the educator having the purpose of awakening in his students the critical and analytical sense, seeking to rescue the historical memory and its importance for the understanding of the historical process, based on the work "Batismo de Sangue", by Frei Betto, and its context for the dictatorship lived in Brazil in the second half of the twentieth century, applied to the production of filmmaker Helvécio Ratton in the 2006 film "Batismo de Sangue".

Keywords: Movies and History, Frei Betto, Helvécio Ratton

Introdução

Tendo em vista a finalidade do cinema como ferramenta do ensino de História no Brasil, é preciso expor que a produção e a discussão que viria relacionar o cinema e ensino, dispondo desse recurso como uma ferramenta pedagógica de aplicabilidade significativa no processo educacional remontam às décadas de 1920 e 1930², sendo fruto do movimento “Escola Nova” no Brasil, que buscava a modernização, a democratização, a industrialização e urbanização da sociedade. Seus apoiadores tinham como propósito fazer da educação a responsável pela inserção das pessoas na ordem social³.

² PEREIRA, L.R.;SILVA,C.B. . *Como utilizar o cinema em sala de aula? Notas a respeito das prescrições para o ensino de História*. Revista Espaço Pedagógico, v 21, p. 318, 2014.

³ Ver: <http://www.educabrasil.com.br/escola-nova/> . Historicamente, os fatos marcantes da Escola Nova passam pela criação da Associação Brasileira de Educação em 1924 e a dissidência ocorrida na IV Conferência Nacional de Educação em 1931, que dividiu o pensamento renovar em dois grupos: liberais e católicos. Vale citar que o primeiro grupo, dos liberais, era integrado por nomes conhecidos como Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira e outros. Um marco importante foi o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, publicado em 1932, que apresentava as principais diretrizes políticas, sociais, filosóficas e educacionais do escolanovismo. O término da difusão dessas idéias pode

Levando a discussão ao contexto da Ditadura Civil-Militar Brasileira, com o advento da terceira geração da Escola dos Annales, os paradigmas acadêmicos que não reconheciam no cinema um documento foram superados com a corrente da História Nova, e tornou mais comum o uso dos filmes para análises históricas em sala de aula, principalmente com o apoio da tecnologia aplicada nas instituições de ensino, com o surgimento de VHS e DVD que possibilitou o uso cinematográfico no ambiente escolar dentro no horário de aula⁴.

1 . Batismo de sangue: do papel a imagem

A obra “Batismo de Sangue”, de Frei Betto, constitui-se de um relato jornalístico do que foi a participação dos jovens da Ordem dos Dominicanos na luta armada contra a Ditadura no Brasil, os Dominicanos eram pertencentes a uma ala progressista da Igreja Católica no Brasil, e se engajou no movimento de resistência à ditadura, mesmo sofrendo repressões de outros representantes mais conservadores da Igreja, que ofereciam apoio a causa dos militares⁵.

Neste contexto, a imprensa brasileira da época também propôs um combate ferrenho aos Dominicanos, a exemplo do Jornal *O Estado de S. Paulo* que em um editorial chegou a pedir a expulsão da ordem dos Dominicanos do Brasil, alegando que os mesmos não condizem com os dogmas do catolicismo. Os ataques da imprensa a Ordem dos Dominicanos

se aumentaram quando em 1967 intensificaram seu contato com Carlos Marighella e passaram a apoiar a Ação Libertadora Nacional (ALN), e a partir disso, o Serviço Nacional de Informações (SNI) passou a monitorá-los⁶.

As transgressões aos Dominicanos chegaram ao seu ápice em 2 de novembro de 1969, citando:

ser datado em fins dos anos cinquenta, quando o ideário pedagógico opta pela planificação educacional como seu princípio maior. Um aspecto importante e político da Escola Nova é a sua visão que liga a educação aos processos sociais, ou seja, a escola deve atender aos desafios da sociedade e isso deve ser feito de forma crítica e dialogada. Acesso em 15/11/2018

⁴ PEREIRA, L. R. . *A Abordagem Didática do Uso do Cinema em Sala de Aula*. Colóquio “Ensino médio, história e cidadania”, v. 1, p. 1-10, 2011

⁵ FEIJÓ, Sara C. D. *Memória da resistência à ditadura: Uma análise do filme Batismo de Sangue*. Universidade de São Paulo, Mestrado, Brasil, 2011.

⁶ FEIJÓ, 2011. p. 63 .

Em 2 novembro de 1969, o convento dos Dominicanos em Perdizes é invadido pela Polícia e vários frades são presos. No mesmo dia, frei Fernando e frei Ivo são capturados no Rio de Janeiro por agentes do DOPS. É o início da Operação Batina Branca, que tem por objetivo fazer os dominicanos levarem a polícia ao encontro de Carlos Marighella, o líder da ALN⁷.

Frei Betto chegou a afirmar em 2010 que a Operação Batina Branca era uma espécie de força tarefa da polícia política, e com a censura da imprensa na época, por muitos anos se pensou que os Dominicanos tivessem traído Marighella, e foi somente após a Lei da Anistia em 1979 que Frei Betto resolveu publicar a sua versão dos fatos ocorridos 10 anos anteriores, com o envolvimento dos frades na luta armada. Em 1982 é lançado o livro “Batismo de Sangue”, que foi a primeira obra a desmentir a versão oficial divulgada pelos militares de que houve traição por parte dos frades à Marighella⁸.

Ademais, nenhum outro dominicano atingiu a fama de Frei Betto, e muitos abandonaram a Ordem após o fim da Ditadura, porém, Frei Betto continuou a carreira como escritor e já tem mais de 50 livros publicados. Porém, mesmo após todo este cenário, a memória acerca dos Dominicanos na época da Ditadura não foi expressiva, e levou o cineasta e ex-guerrilheiro Helvécio Rattón a produzir um filme com base na obra de Frei Betto.

2. A imagem como reconstrução do discurso historiográfico O

Em 2006, o filme *Batismo de Sangue* é lançado, retratando a história de Frei Tito, que foi preso e torturado gravemente nos porões da ditadura. A produção do cineasta contribui para retomar e ampliar a memória sobre a oposição à ditadura militar desempenhada pelos frades dominicanos, nas décadas de 1960 e 1970. Porém, o filme não foi bem aclamado pela crítica, pois, vários críticos analisaram o filme como a obra de um ex-guerrilheiro tentando transmitir a sua versão acerca do que foi vivenciado, principalmente por seu vínculo com alguns personagens reais do filme. O longa-metragem não é uma representação fiel do livro de Frei Betto, tratando apenas de um recorte do período histórico

⁷ FEIJÓ, Sara C. D. *Memória da resistência à ditadura: Uma análise do filme Batismo de Sangue*. Universidade de São Paulo, Mestrado, Brasil, 2011. p. 67

⁸ *Ibidem*. p. 76

retratado na obra literária, contando a história sob a ótica dos religiosos, e mostrar simbolicamente o martírio do jovem frade representando o sofrimento de todas as vítimas do regime militar no Brasil.⁹

Ratton defende, como já dito, que seu filme vem para explicar às novas gerações como a Igreja Católica se engajou na luta contra a Ditadura, pois o que é apresentado no inconsciente da memória nacional, é o fato de que a Igreja Católica deu apoio integral ao regime militar, ignorando o fato de que existia uma ala progressista que defendia os movimentos de resistência à ditadura, e a produção vem com a proposição de resgatar a memória dos militantes que pegaram em armas, redimensionando o pensamento popular em favor da versão dos frades dominicanos, na disputa pela memória da resistência à ditadura¹⁰.

O filme foi amplamente criticado muito pelo fato de mostrar com clareza as torturas sofridas por Frei Tito, interpretado no filme pelo ator Caio Blat, e todo este conjunto de interpretações erradas acerca da produção cinematográfica levou o diretor Helvécio Ratton a publicar um artigo no jornal *O Globo* elucidando mais uma vez, o real objetivo do filme para com a memória histórica. A apresentação do artigo na íntegra é citada a seguir:

3. “Batismo de Sangue vai além da sala escura” Por Helvécio Ratton

“Meu filme ‘Batismo de sangue’ vem provocando polêmica. Para algumas pessoas que escrevem sobre cinema, o filme “peca pelo didatismo” ou mostra “cenas apelativas de violência”. São afirmações superficiais, marcadas pelo preconceito contra um filme que não se prende a modismos nem segue a cartilha do vanguardismo de butique. Um filme consistente que dispensa malabarismo de câmera ou armadilhas de roteiro.

“Batismo de sangue”, baseado no livro homônimo de Frei Betto, trata de acontecimentos verídicos, passados entre 1963 e 1974. O filme tem censura 14 anos está aberto a espectadores mais jovens, que desconhecem o que se passou naqueles anos. O letrado que abre o filme e situa historicamente período da ditadura, assim como outras informações passadas de forma orgânica no desenrolar da narrativa, tem a função de contextualizar os acontecimentos.

Não queremos dar aula de História para ninguém, mas mostrar o fundo onde se recortam os personagens e suas ações. Isso

⁹ Ibidem, . p. 108

¹⁰ Ibidem, 2011. p. 110-112

é óbvio para quem assiste ao filme sem pedras na mão, mas a verdade é que algumas pessoas que escrevem sobre cinema têm profunda antipatia por filmes abertos ao público. Para essas pessoas, os filmes devem ser cifrados, numa tal demonstração de inteligência e sofisticação que só os iniciados sejam capazes de decifrar. Confundem o simples, tão difícil de alcançar, com o simplório.

"Batismo de sangue" condensa uma extensa pesquisa histórica realizada em documentos oficiais, nos testemunhos de quem viveu os fatos narrados, em livros sobre o período, arquivos de fotos, noticiários de TV, jornais, revistas, filmes rodados na época e documentários. Foram camadas e camadas de informação que alimentaram o roteiro, a direção de arte, o figurino, a fotografia, o elenco. Tudo isso está no filme, mas sem exibicionismo.

"Batismo de sangue" quer prender a atenção do público bem informado, capaz de perceber todos estes detalhes, e a dos jovens, para quem o filme se explica por si só, sem que necessitem informações de fora para compreendê-lo. Quanto à tortura, não foi o filme que a inventou. A tortura aconteceu num grau de brutalidade e sadismo muito maior do que está mostrado. O cinema dos dias de hoje avançou e muito os limites do realismo. Tomemos como exemplo os filmes de Tarantino, onde a violência atravessa toda a narrativa de forma injustificada e estúpida. Mas por que será que não taxam de apelativa a violência desses filmes? Porque esta violência é importada com o rótulo de "cult", de "fashion".

A violência do "Batismo de sangue" dói porque é eficiente enquanto cinema e porque aconteceu. Só que não havia sido revelada de forma contundente no cinema, e "Batismo de sangue" é o primeiro filme a fazer isso. Em "Pra frente Brasil", o protagonista é preso por engano e seus torturadores são mostrados como se fossem exceção, monstros, ao contrário do "Batismo de sangue", onde são a regra. A tortura a que foram submetidos os freis Fernando e Ivo durou um dia e uma noite, no filme dura poucos minutos. Frei Tito foi torturado durante três dias e três noites. As equipes de torturadores, funcionários do regime militar, revezavam-se e faziam hora extra. No filme, as torturas a que Frei Tito foi submetido aparecem na forma de rápidas visões. Suavizar a violência sofrida pelos dominicanos, torná-la mais palatável, seria uma traição à memória de Tito e ao testemunho daqueles que estão vivos.

Já estava mais do que na hora de abordar esses acontecimentos com verdade e audácia, como fizeram nossos vizinhos. Em um debate sobre o filme, disse um estudante que achava que esses fatos haviam acontecido no Chile e na Argentina, que para ele nossa ditadura tinha sido light. O comentário desse

jovem deixa claro que nossos filmes sobre o período ficaram na ante-sala. "Batismo de sangue" desce ao inferno à procura de luz, para escancarar com suas imagens realistas a violência impune praticada pela ditadura militar contra seus desafetos.

"Batismo de sangue" extrapola os limites da sala escura do cinema e dialoga sobre nossa vida enquanto nação, nosso passado ainda presente, nossos mortos insepultos. Um filme que corre riscos ao retratar personagens vivos e fatos acontecidos há pouco tempo. Um filme que após sair das salas de cinema continuará sendo discutido em outras salas por esse Brasil afora. Construído com delicadeza e contundência, "Batismo de sangue" emociona e faz pensar.¹¹

Como elucidado pelo próprio cineasta em seu artigo, o filme foi feito para quebrar a ideologia de caráter subversivo construída pelo grupo dominante no período da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), e sendo usado como instrumento de contra-análise da sociedade¹², pois procura combater a História "oficial" produzida em um período no qual os meios de comunicação estavam sendo manipulados em favor dos militares dominantes, e a cúpula da Igreja Católica, que criou uma imagem deturpada da Ordem dos Dominicanos, como se fossem inimigos da sociedade¹³. Em vista disso, o filme "Batismo de Sangue" busca desconstruir o discurso, aplicando a reflexão do ponto de vista dos derrotados, e mostrar a ambiguidade histórica acerca do tema proposto no artigo desde o início.

Conclusão

Ao concluir o artigo, dissertando sobre a aplicabilidade do cinema no ensino de História, é preciso dizer que o Professor deve possuir um papel de mediador do recurso didático do cinema, no papel da aprendizagem, a fim de evitar más interpretações acerca de filmes que possam não ter sido produzidos para fins educacionais, contendo anacronismos que surgem para tornar uma produção mais interessante para o público geral, e não o público especializado, e para os discentes.

¹¹ RATTON, Helvécio. "Batismo de Sangue vai além da sala escura". Artigo Jornalístico. O Globo, 31/05/2007. Acesso em 15/11/2018

¹² FERRO, Marc. *Filme, uma contra-análise da sociedade?*. In: Le Goff e Pierre Nora (orgs.) *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

¹³ FEIJÓ, Sara C. D. *Memória da resistência à ditadura: Uma análise do filme Batismo de Sangue*. Universidade de São Paulo, Mestrado, Brasil, 2011.. p. 116-118

O uso de filmes como documentos históricos é recente¹⁴, então é certo que equívocos vão acontecer, à exemplo da má interpretação do filme “Batismo de Sangue” (2006) de Helvécio Ratton, e da construção falsa acerca do discurso religioso sobre a Ditadura Civil-Militar Brasileira, no contexto da obra “Batismo de Sangue”¹⁵ de Frei Betto, e no imaginário da participação da Ordem dos Dominicanos nos “Anos de Chumbo” do regime autoritário militar.

Bibliografia

BETTO, Frei. *Batismo de Sangue - A luta clandestina contra a ditadura militar. Dossiês Carlos Marighella e Frei Tito*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982

FEIJÓ, Sara C. D. *Memória da resistência à ditadura: Uma análise do filme Batismo de Sangue*. Universidade de São Paulo, Mestrado, Brasil, 2011.

FERRO, Marc. *Filme, uma contra-análise da sociedade?*. In: Le Goff e Pierre Nora (orgs.) *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

NASCIMENTO, J. C. *Cinema e ensino de História: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula*. Fênix (Uberlândia), v. 5, p. 1-23, 2008.

PEREIRA, L. R. . *A Abordagem Didática do Uso do Cinema em Sala de Aula*. Colóquio “Ensino médio, história e cidadania”, v. 1, p. 1-10, 2011

¹⁴ NASCIMENTO, J. C. *Cinema e ensino de História: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula*. Fênix (Uberlândia), v. 5, p. 1-23, 2008.

¹⁵ Filme *Batismo de Sangue* (Brasil, 2006). Direção: Helvécio Ratton. Roteiro: Helvécio Ratton e Dani Patarra. Pesquisa: Stela Grisotti. Inspirado no livro homônimo de Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Christo), de 1982. Fotografia: Lauro Escorel. Direção de arte: Adrian Cooper. Figurino: Marjorie Gueller e Joana Porto. Música: Marco Antonio Guimarães. Elenco: Caio Blat (frei Tito), Daniel Oliveira (frei Betto), Léo Quintão (frei Fernando), Odilon Esteves (frei Ivo), Victor Ramil (frei Diogo), Cassio Gabus Mendes (Delegado Fleury) e outros.

PEREIRA, L.R.;SILVA,C.B. . *Como utilizar o cinema em sala de aula? Notas a respeito das prescrições para o ensino de História*. Revista Espaço Pedagógico, v 21, p. 318, 2014

RATTON, Helvécio. *“Batismo de Sangue vai além da sala escura”*. Artigo Jornalístico. O Globo, 31/05/2007. Acesso em 15/11/2018

Filme

Batismo de Sangue (Brasil, 2006). Direção: Helvécio Ratton. Roteiro: Helvécio Ratton e Dani Patarra. Pesquisa: Stela Grisotti. Inspirado no livro homônimo de Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Christo), de 1982. Fotografia: Lauro Escorel. Direção de arte: Adrian Cooper. Figurino: Marjorie Gueller e Joana Porto. Música: Marco Antonio Guimarães. Elenco: Caio Blat (frei Tito), Daniel Oliveira (frei Betto), Léo Quintão (frei Fernando), Odilon Esteves (frei Ivo), Victor Ramil (frei Diogo), Cassio Gabus Mendes (Delegado Fleury) e outros.